



FARMÁCIA

LORENA GONÇALVES DE SOUZA

**PROFISSÃO FARMACÊUTICA: da origem ao
farmacêutico contemporâneo**

PATOS DE MINAS

2012

LORENA GONÇALVES DE SOUZA

**PROFISSÃO FARMACÊUTICA: da origem ao
farmacêutico contemporâneo**

Projeto de Pesquisa
apresentado à Faculdade
Patos de Minas - FPM como
requisito parcial para a
conclusão do Curso de
Graduação em Farmácia.

Orientador: Prof^o Bernardo
Augusto de Freitas Dornelas

PATOS DE MINAS

2012

615.15 SOUZA, Lorena Gonçalves de
S719p Profissão farmacêutica: da origem ao farmacêutico contemporâneo/Lorena Gonçalves de Souza – Orientador: Prof. Esp. Bernardo Augusto de Freitas Dornelas. Patos de Minas: [s.n.], 2012.
23p

Artigo de Graduação – Faculdade Patos de Minas
FPM
Curso de Bacharel em Farmácia

1.Profissão farmacêutico 2.Conhecimentos populares
3.Farmacêutico-origem da profissão I.Lorena Gonçalves de Souza II.Título

Fonte:

Faculdade Patos de Minas - FPM. Biblioteca.

FACULDADE PATOS DE MINAS
LORENA GONÇALVES DE SOUZA

PROFISSÃO FARMACÊUTICA: da origem ao farmacêutico contemporâneo

Artigo aprovado em _____ de _____ de _____ pela comissão
examinadora constituída pelos professores:

Orientador: _____

Prof.: Esp. Bernardo Augusto de Freitas Dornelas
Faculdade Patos de Minas

Examinador (a): _____

Prof. Esp. Fernanda Gonçalves Silva
Faculdade Patos de Minas

Examinador (a): _____

Prof. Esp. Nádia Lourdes Kappes
Faculdade Patos de Minas

Dedico esse trabalho aos meus pais, Raul Gonçalves e Selva Aparecida, que sempre estiveram do meu lado, não medindo esforços para que essa caminhada se tornasse prazerosa.

Haverá lagrimas, mas Deus colocará sorrisos. Haverá quedas, mas Deus dará a vitória.
(autor desconhecido)

PROFISSÃO FARMACÊUTICA: da origem ao farmacêutico contemporâneo

SOUZA, Lorena Gonçalves de¹

DORNELAS, Bernardo Augusto de Freitas²

RESUMO

A origem da profissão farmacêutica é uma mistura de mito e ciência, folclore e fato comprovado. Ideias antigas mesclam a novos conceitos, produzindo uma mistura errônea. Por isso o objetivo desse trabalho é esclarecer a origem da profissão farmacêutica perante a história do conhecimento popular da cura, compreendendo a sua origem, demonstrando aos acadêmicos e à sociedade em geral a relevância desta profissão. Este estudo caracteriza-se por uma pesquisa de revisão bibliográfica com caráter qualitativo. Para tal foi realizada através de artigos de revistas e livros acadêmicos com relevância científica. Desde o período arcaico, nota-se a utilização de plantas para aliviar e até mesmo curar as patologias existentes. Hoje, sabe-se que as crenças adotadas naquela época fazem parte do tratamento, como um fator psicológico. Com o desmembramento das escolas médico-farmacêuticas, nota-se relevantes trabalhos para a conscientização da população em relação à terapêutica. Em dias atuais, o farmacêutico vem perdendo suas raízes, o que desmoraliza sua profissão, fazendo-se necessário o aprofundamento deste conhecimento. Conclui-se que a profissão farmacêutica vem se expandindo, e que este profissional necessita buscar suas origens para melhor entender e desempenhar suas funções.

Palavras –chave: Profissão farmacêutica. Conhecimentos populares. Origem da profissão farmacêutica.

¹ Acadêmica do 8º período do curso de Farmácia da Faculdade Patos de Minas. E-mail: lorenagsouza@hotmail.com

² Orientador e docente da Faculdade Patos de Minas. E-mail: bernardofarma@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Nos primórdios da cura de enfermidades muitos recorriam a vários recursos, principalmente as práticas terapêuticas que, eram por vezes baseadas no misticismo, uso de amuletos, danças, exorcismos, enfocando principalmente poções mágicas, advindas de uma fabricação bruta da extração das plantas (SILVA; ALVES; PRADO, 2011).

Falar da profissão farmacêutica significa ir além de diversas culturas, costumes e lendas. Segundo Coelho, Zanatto e Matias (2005) é voltar ao passado e reviver a nossa colonização, nossas lutas, batalhas, dores e alegrias.

Nas entrelinhas ainda de Coelho, Zanatto e Matias (2005), a atenção farmacêutica hoje é considerada o verdadeiro resgate da profissão e vem como um novo conceito, prometendo reaproximar o farmacêutico do paciente. A missão do profissional de farmácia deve, antes de tudo, basear-se na luta pela conscientização da população sobre a importância da presença do farmacêutico nos estabelecimentos e na assistência farmacêutica, seja qual for sua área de atuação, mostrando-se cada vez mais atuante e presente, sendo um profissional indispensável à saúde pública como um todo.

Em meio a relevância desse profissional e observando todo o processo de redefinição através da contínua reestruturação profissional, e ainda, os papéis da profissão nas novas relações econômicas, o farmacêutico vem sendo chamado pelas autoridades internacionais da área de saúde para uma mudança substancial (LORANDI, 2006). Entende-se que para fazer a análise das novas necessidades e buscar os elementos do processo de formação acadêmica desse profissional, há de se entender o percurso próprio da profissão, analisando assim sua história.

Por isso, o objetivo desse trabalho é esclarecer a origem da profissão farmacêutica perante a história do conhecimento popular, compreendendo a sua origem, demonstrando aos acadêmicos e para a sociedade em geral a relevância desta profissão, explorando os relatos literários das pessoas que possuem a sabedoria popular da cura.

METODOLOGIA

Segundo Lima e Miotto (2007) dentre os inúmeros questionamentos, que podem ser realizados ao longo de todo processo de proposição e efetivação de pesquisas – especialmente na área das ciências humanas que se ocupa prioritariamente com pesquisas de natureza qualitativa –, merecem destaques os procedimentos metodológicos.

Um dos procedimentos mais visados pelos investigadores na atualidade é a pesquisa bibliográfica, e de acordo com Lima e Miotto (2007) “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”.

Para tal, o trabalho foi desenvolvido no período de março a novembro de 2012, realizando-se a pesquisa através de artigos científicos de revistas e livros acadêmicos com relevância científica, baseado em dados nacionais e internacionais publicados desde o ano de 1992 a 2012. Estes foram pesquisados no acervo da Biblioteca Central da Faculdade Patos de Minas – FPM.

O trabalho foi realizado baseando-se também em sites acadêmicos na rede mundial de computadores, como Bireme e Scielo, através dos seguintes buscadores: “historia da profissão farmacêutica”, “cura popular”, “curandeiros”, “boticários” e “boticas”.

Depois de fazer o fichamento e refinamento das pesquisas, selecionou-se o material específico voltado para o objetivo do estudo.

1- AS CURAS ANTIGAS

Antigamente a população recorria aos recursos naturais e fictícios. O conhecimento sobre plantas simbolizava no momento o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos, já que nessa época não se tinha o conhecimento concreto sobre as patologias e, buscavam nos Deuses a cura necessária para suas enfermidades (LÓPEZ, 2006). Pode-se afirmar então que o

uso de plantas no tratamento das enfermidades é tão antigo quanto à espécie humana.

As crenças e práticas relacionadas com a saúde, utilizadas por povos primitivos, segundo Silva, Alves e Prado (2011) é nomeada de Medicina Primitiva. Esta se baseia do ponto de vista da terapêutica, em um forte componente psicológico baseado em crenças e ritos mágicos, aliada ao emprego de plantas medicinais brutas.

Para que pudesse alcançar a cura pretendida de seus males, os indivíduos recorriam às pessoas que detinham os conhecimentos místicos e de astrologia conhecidas como curandeiros ou sacerdotes. Estes intercediam pelo doente em templos destinados a proporcionar a reconciliação do doente com os Deuses e, desta forma, promovendo o afastamento dos espíritos malignos, os quais acreditavam que eram de pessoas mortas que não conseguiram descansar. Para tal, recorriam aos sacrifícios, que poderiam ser alimentares (dos deuses), expiatórios (destruição de bens) e substitutivos (do homem). Os encantamentos e purificações por magia eram dirigidos ao tribunal dos Deuses ou diretamente contra os demônios, podendo ser profiláticos, com o recurso a amuletos (DIAS, 2005).

É fato perceptível que se iniciou muito tempo antes dos registros históricos, a procura para aliviar a sintomatologia e as patologias. Entremeadas às escritas históricas, surgiram às terapias baseadas em credences populares.

Nessa época remota, as doenças eram consideradas um efeito de poderes malignos, como magia negra ou a incorporação de demônios ao corpo. Muitos afirmavam que era o afastamento ou a retirada da proteção dos Deuses ou de “mau-olhado” dos outros semelhantes. Acreditava-se que todos os fenômenos, tanto os terrestres como os cósmicos, se encontravam estreitamente unidos e subordinados à vontade das criaturas divinas. Esta visão traduziu-se na importância dada ao estudo dos movimentos celestes como forma de predizer o futuro, no que diz respeito à saúde. Toda a doença e cura se explicavam através de uma complexa relação entre deuses protetores e demônios (DIAS, 2005).

Desta visão resultavam práticas de diagnóstico e terapêutica específicas. O objetivo do diagnóstico consistia em saber que pecado o doente cometera, que demônio se apoderara do seu corpo e quais os propósitos dos Deuses por técnicas de adivinhação, encaradas como forma pelas quais os Deuses manifestavam a sua vontade (DIAS, 2005). A terapêutica visava à reconciliação com os Deuses, através

da oração e de sacrifícios, assim como a expulsão dos demônios, recorrendo a encantamentos e purificações por magia.

Diante da amplitude do conhecimento adquirido na evolução humana, se fez necessário relatar os conhecimentos. A forma encontrada na época foi através de papiros e tábuas de argilas.

O papiro mais importante para a história da farmácia é o Papiro de Ebers. Este nome deriva do pesquisador Georg Ebers (1837-1898), que primeiro o estudou em 1875, datado de 1550 a.C., o qual possui mais de 20 metros de comprimento e inclui referências a mais de 7000 substâncias medicinais incluídas em mais de 800 fórmulas. Muitos dos remédios utilizados e citados neste papiro eram à base de mel e rícino (óleo) (BAPTISTA et al, 2003). Estes registros foram importantes para as civilizações posteriores, já que estas puderam ter uma referência para seguir e estudar. Quanto à pesquisa, os registros deste papiro, puderam incentivar novos estudos, propiciando a descoberta de novas substâncias terapêuticas.

Outra obra de importância inigualável foi atribuída a Hipócrates. Esta consistia em uma vasta obra formada por 53 livros, reunidos em Alexandria constituindo o chamado *Corpus Hippocraticum*, mas sabe-se hoje que só uma parte dessa obra foi escrita por Hipócrates, onde citava a importância da dieta e da atividade física, e na crença que o homem poderia interferir em sua própria natureza e na convicção de que a cultura podia orientar a natureza. Como nessa época as plantas medicinais já eram muito utilizadas, ele as tratava como um recurso secundário segundo Pessoa Junior (2010). Diante deste fato, pode-se compreender que o ilustre pesquisador já tinha uma preocupação além das plantas. Nos dias atuais, percebe-se a importância da dieta e da atividade física e o marco que Hipócrates deixou ao fazer esse registro. A partir deste marco a preocupação com a saúde se torna mais evidente, dando início à medicina preventiva que hoje conhecemos.

Não menos importante, Galeno praticou o uso dos fármacos obedecendo principalmente ao tratamento pelo contrário, usando os semelhantes quando da ação purgativa, pois acreditava que cada remédio atraía seu próprio humor, que no caso de estar em desequilíbrio, provocava a enfermidade. Devido à moda reinante em Roma, que supervalorizava os receituários, Galeno carregava suas prescrições com vários componentes, incluindo os inúteis e até mesmo os nocivos (DINIZ, 2006).

2- A DIFUSÃO DA ÁREA FARMACÊUTICA

A farmácia permaneceu atrelada à medicina até que a crescente quantidade de fármacos e a complexidade da preparação de medicamentos exigiram especialistas que se dedicassem somente a ela. Pode-se constatar que essas profissões eram acopladas em escolas de medicina.

O processo de separação da medicina e da farmácia se deu de forma gradativa, e muito lenta, já que a profissão farmacêutica vem sofrendo alterações até os dias atuais. Primordialmente a separação veio dentro da própria medicina, chamada dogmática, e a cirurgia, que juntamente com a farmácia constituíam a Medicina ministrante. Ao mesmo tempo em que os médicos passavam a ter um ensino universitário com professores altamente especializados, os farmacêuticos e cirurgiões mantinham um tipo de formação baseado na aprendizagem com um mestre estabelecido, um tipo de aprendizagem que era comum às restantes profissões (DIAS, 2005).

A separação oficial entre as duas profissões foi seguida pela separação legal. O primeiro caso registrado foi em Arlés, França, onde posturas municipais redigidas em 1162 determinaram a separação das duas profissões. Mais de oitenta anos depois, Frederico II da Sicília e Nápoles, através do chamado Édito de Melfi, decretou que as profissões seguissem-se distintas, obrigando ao farmacêutico a ter o diploma, e afirmou ainda que não pudesse haver sociedade entre médicos e farmacêuticos, obrigando aos farmacêuticos a respeitar e dispensar os medicamentos conforme a receita médica (DIAS, 2005).

Essa prática apesar de muito antiga é mantida até os dias de hoje, pois a dispensação deve ser feita repetindo a receita médica. O farmacêutico deve dispensar o medicamento, fornecendo informações relevantes sobre o mesmo, como posologia, tempo de tratamento, indicação terapêutica e também sobre suas interações, medicamentosas e alimentares, praticando assim a dispensação atrelada à atenção farmacêutica.

Estas normas foram progressivamente adotadas pela Europa. A separação destas áreas progressivamente foi se espalhando pelo mundo, porém, em alguns locais, isso levou séculos para acontecer. O diploma introduziu a necessidade de

algum tipo de controle dos preços dos medicamentos e do licenciamento e inspeção da atividade farmacêutica (SOUZA, 2011). Com essa vitória por parte do profissional farmacêutico necessitou-se de um controle dos aspectos relativos à profissão, para não admitir falsários na profissão (pessoas que não possuíam os estudos farmacêuticos) e nem concorrência e deslealdade profissional.

2.1-Os boticários

Antigamente, nos vilarejos, os que possuíam as técnicas curativas das plantas, habilidade adquirida com a experiência e muitas vezes herdada de antepassados que costumavam curar através das plantas, eram chamados para tratar doentes e preparar produtos medicamentosos. Então estes conhecedores das plantas começaram a vender as poções, que estes preparavam. Os boticários relacionavam-se com a existência de um armazém fixo. Foram surgindo por toda a Europa. Estes eram conhecedores das plantas medicinais e da preparação dos medicamentos, na época bem rústicos (ALLE; POPOVICH; ANSEL, 2007).

A arte do boticário sempre foi associada ao mistério; acreditava-se que os práticos tinham alguma conexão com o mundo dos espíritos e, dessa forma, intermediavam o visto e o não-visto (DIAS, 2005). Esta convicção que as pessoas manifestavam em prol do boticário, colocava-o como um ser humano acima dos demais, atrelado aos Deuses, no entanto, o fator psicológico, evidentemente presente, de alguma forma contribuía para a cura das doenças. Desta forma, existia uma crença de que poções medicamentosas tinham poderes mágicos, significando que sua ação, para o bem ou para o mal, não dependia unicamente das suas qualidades naturais.

Nessa época, a arte do boticário era relacionada com a função de sacerdote, e, nas civilizações antigas, o sacerdote-mágico ou sacerdote-médico era visto como o curador do corpo e da alma. Os sacerdotes mágicos habitavam as tribos e possuíam um lugar de poder e de respeito perante a população, por isso, este era temido, respeitado, acreditado, confiado, algumas vezes desconfiado, admirado e reverenciado (ALLE; POPOVICH; ANSEL, 2007). Por meio de suas preparações,

acreditava-se que a cura era através de contatos espirituais, e a eficácia dessa cura provinha deste contato.

A mudança da expressão “botica” para farmácia, e “boticário” para farmacêutico, foi uma adaptação no período do descobrimento do Brasil, perdurando até os dias de hoje, naquela época este profissional era visualizado pelo doente como, aquele que manipulava e produzia os medicamentos, de acordo com a farmacopeia e a prescrição (ZUBIOLI, 1992).

2.2 História no Brasil

Os primeiros povoadores do Brasil, colonos e aventureiros deixados aqui pelos portugueses, tiveram que usar recursos naturais para combater as moléstias, principalmente as picadas dos insetos. A necessidade de descobrir ervas capazes de amenizar as dores das picadas dos insetos, produziu o primeiro contato dos colonizadores com os indígenas nativos da nova terra (CFF, 2010). Desta forma, a atividade farmacêutica teve início na Terra de Santa Cruz, de forma bem oriunda e arcaica.

Anos mais tarde, no Brasil colônia, os boticários contaram com a ajuda dos jesuítas, que para aqui migraram por ordem da Coroa Real de Portugal. Estes seguiram para vários lugares da costa brasileira, iniciando construções de igreja, vilas e colégios, para catequizar os colonos que aqui viviam. Os jesuítas montaram enfermarias e boticas nos colégios; enquanto um grupo cuidava dos doentes, outro cuidava da preparação dos medicamentos (CFF, 2010).

No século XVIII, em 1744, foi outorgada legislação, historicamente chamada de “Regimento 1744”, que proibia a distribuição de drogas e medicamentos por estabelecimentos não autorizados e apreensão de estoques em caso de descumprimento; criava a figura do profissional responsável, estabelecia critérios mínimos para a estruturação física dos estabelecimentos, criando ainda a fiscalização sobre o estado de conservação de drogas e plantas medicinais. Este regimento, considerado modelar para a sua época, enfrentou sérios obstáculos no seu cumprimento (SPADA et al, s.d) já que a população não foi previamente esclarecida do assunto, não dando a devida importância para as novas normas de

fabricação e higienização do lugar de fabrico, acarretando em uma não aceitação inicial por parte de muitos.

Formalmente, o ensino farmacêutico iniciou-se com a Lei número 3 de outubro de 1832, que criou os cursos de Farmácia vinculados às escolas de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia e determinou a transformação das academias em escolas ou faculdades médico-cirúrgicas, em que passariam a ser diplomados médicos e farmacêuticos, e os diplomas passaram a ter o título de farmacêuticos pela primeira vez (CFF, 2010).

Em Minas Gerais, a Escola de Farmácia de Ouro Preto, fundada em 1839, guarda histórias que traduzem um período de efervescência econômica e cultural do Brasil, antes da Proclamação da República. Em verdade, a Escola é a própria história do Brasil e representa o início de um processo de desenvolvimento na saúde, especialmente no que diz respeito ao item medicamento que, no período colonial, ressaltou-se, era de descontrole (LANA, 2012).

Escola de Farmácia de Ouro Preto desde 1979 foi integrada à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Sendo o primeiro curso autônomo de Farmácia da América Latina foi, por muito tempo, a única Escola isolada equiparada às Faculdades Federais para fins de validade de seus diplomas em todo território nacional. A bagagem propiciada por esta vivência, aliada a uma ampla disseminação de seus mais 5000 alunos por todos os rincões do país tornou a presença da Escola um importante fator de influência na modernização política e social do Brasil (GODOY, 2010).

Entretanto, somente em 1931, que a profissão farmacêutica se regulamentou, constando suas atribuições e responsabilidades. Esta regulamentação teve sua aprovação no Brasil figurada pelo Decreto nº 20.377 de 08/09/1931. Nessa época, a Repartição Sanitária tinha poderes absolutos para fiscalizar as atividades dos profissionais da área de farmácia incluindo a habilitação do farmacêutico e o registro de diploma (SOUZA, 2011).

Outro marco foi a aprovação da Lei nº 5.991, de 1973, que decretou que qualquer pessoa poderia comercializar medicamentos desde que a farmácia contasse com um farmacêutico prestando assistência (SILVA, CRUZ, 2011).

Com isso, o farmacêutico se deslocava à farmácia somente para receber o pagamento correspondente ao "aluguel" de seu diploma; e a manipulação e venda das drogas acabava ficando a cargo de um prático, aprendiz ou sob

responsabilidade do proprietário que se transformava num boticário "prático" (VELLOSO, MADUREIRA, s. d). Foram muitos os casos de farmacêuticos que abandonaram a profissão ou conciliaram as atividades farmacêuticas com a poesia, ou mesmo com a política, projetando-se na vida pública.

Com a mudança do modelo econômico provocada pela passagem gradual de um país agrário, para um país industrial e urbano, começam a mudar as exigências na área da saúde, pois havia mais gente necessitando de um sistema urbano sanitário eficaz.

Ainda neste aspecto, a utilização de plantas medicinais tende a cair em decorrência da urbanização e perda da cultura de utilização vegetal para a cultura industrial medicamentosa. Spada et al (s.d) nos relata que se altera a relação da divisão do trabalho e, como reflexo, a saúde individual passa a ter importância para o Estado. Os medicamentos industrializados foram assumindo gradualmente um papel cultural de destaque, e a "medicalização" da saúde tornou-se um processo em franca ascensão, automaticamente, a Farmácia perdeu seu lugar de destaque, se tornando um simples lugar de entrega de produtos.

3- O FARMACÊUTICO CONTEMPORÂNEO

Desde tempos imemoriais, a Farmácia teve como fundamento a Biologia e atividades como coletar, descrever e transformar substâncias provenientes principalmente do reino vegetal. No entanto, ao longo do tempo, os farmacêuticos incorporaram a Química na busca de sintetizar no laboratório derivados com maior ação farmacológica, e a Física para pesar, peneirar, dissolver, misturar, filtrar, esterilizar, comprimir e dragear medicamentos em escala cada vez maior (GODOY, 2010).

O farmacêutico, que antes atendia e preparava os medicamentos nos laboratórios da farmácia, enfrentou uma grande reviravolta, com a chegada da industrialização. Então, começou a perder sua identidade principal para o qual era formada, a manipulação de princípios ativos e, assim, passou a perder o contato

profissional com a comunidade, deixando de lado o seu papel matriarcal: atenção à comunidade, entendida hoje como atenção farmacêutica.

Deste modo, a sua relação ficava cada vez mais distante da comunidade, fazendo com que o seu trabalho no atendimento à população ficasse defasado. Além disso, veio a formação de profissionais para um maior conhecimento em indústria e análises clínicas que detinham um reconhecimento social e colocavam o farmacêutico da farmácia comunitária cada dia mais distante deste mesmo reconhecimento (CRUZ; SILVA, 2011).

É necessário que o profissional farmacêutico de hoje descortine a história esplêndida dos medicamentos, compreendendo-a. Como ocorrem com as outras ferramentas, os fármacos têm sido utilizados para conquistar e exercer maior controle sobre nossa vida, tornando-a melhor e mais longa. Durante milênios, a compreensão do modo pelo qual esses fármacos funcionam mudou bastante, influenciado pelo modo de sua utilização (REMINGON, 2004). Hoje, estudos comprovam sua eficácia e qualidade, levando em conta seu custo/benefício para a população, amenizando os efeitos colaterais e oferecendo à comunidade um medicamento de qualidade.

A evolução da profissão, o desenvolvimento da ideia relacionado com os fármacos, aumentou a capacidade dos farmacêuticos se adaptarem aos desafios apresentados, conforme seu papel profissional se expandindo por vários setores. Os profissionais farmacêuticos têm muito a ganhar na interpretação básica do papel complexo que as drogas e os medicamentos possuíram no passado e da parte da farmácia nesse desenvolvimento (REMINGON, 2004). Bittencourt (2011) faz um comentário sobre os novos caminhos trilhados pelos profissionais farmacêuticos:

A Farmácia cresce tanto, expande-se em diferentes setores, multiplica o número de atividades e consolida o respeito merecido da sociedade e de autoridades políticas e sanitárias, porque conta com ações de homens de grande estatura, dentro e fora da profissão (BITTENCOURT, 2011).

A profissão farmacêutica vem sofrendo processo de redefinição, desde os primeiros registros até os dias atuais Lorandi (2006) enfatiza que para fazer a análise das novas necessidades e buscar os elementos do processo de formação acadêmica desse profissional, há de se entender o percurso próprio da profissão. Neste sentido, o profissional deve engajar-se para conhecer suas origens e os

caminhos já percorridos por seus ancestrais, para que estes possam se dar o valor necessário em sua ação na comunidade, que é a prática farmacêutica, esquecida ou ignorada por alguns profissionais que visam somente o lado comercial.

A situação de inovação e de mudança não está restrita ao nosso país. As falsificações dos medicamentos, a condição de saúde e de doença de nossa população, aliadas à sua condição social e econômica, são variáveis que nos exigem a capacidade de conciliar os valores simbólico, econômico e social, vinculados ao medicamento, com os interesses próprios e prioritários da coletividade (LORANDI, 2006). Isso nos remete a fazer uma autorreflexão sobre a formação do profissional, que se presta a esse tipo de serviço, não se valorizando como um profissional de saúde, onde deveria ser zelador da qualidade dos medicamentos e do bem estar da população.

A "desprofissionalização" se deu no afastamento do profissional farmacêutico do lugar original de trabalho (a dispensação), associado às transformações tecnológicas e funcionais, entendido como a perda de suas qualidades específicas, em especial o monopólio do conhecimento, a confiança pública e a perspectiva da autonomia do trabalho. Seu afastamento criou espaço para que leigos e comerciantes, sem qualquer conhecimento técnico de atenção farmacêutica, assumissem o seu "lugar", estimulando o consumo irracional de medicamentos e colocando em risco a saúde da população (COELHO, ZANATO, MATIAS, 2005).

O profissional farmacêutico necessita igualmente tanto da visão técnica quanto da visão humanista, equilibrando estas duas visões, a fim de que seja capaz de apresentar alternativas e soluções para a sociedade em que atua. Lorandi (2006) nos expõe que o farmacêutico humanístico deverá colaborar ações em saúde, por exemplo, para garantir o controle da população sobre a aplicação dos recursos em interesses reais desta. Deverá considerar a saúde em sua positividade e como produção social.

Considerando ainda os relatos de Lorandi (2006), o ensino farmacêutico no Brasil está vivenciando, nos últimos anos, uma fase bastante profícua em discussões e procura de caminhos. Em nível nacional ou internacional, um novo perfil da profissão farmacêutica apresenta-se, resultado das profundas mudanças sociais e econômica que estão se ensaiando na sociedade. Esse novo perfil está voltado para o atendimento das necessidades sociais, inserindo o farmacêutico nas discussões de políticas de saúde e de medicamentos.

A volta do farmacêutico ao balcão de atendimento da farmácia, segundo Lorandi (2006), se dá pela necessidade de conscientizar o uso racional do medicamento no Brasil. Pode-se afirmar que é uma mudança epistemológica profunda.

. No entanto, pode-se ratificar que o profissional farmacêutico tem uma responsabilidade ilustre perante a saúde pública, pois este manipula, zela e distribui os medicamentos, certificando de que sua eficácia é real.

As citações dos autores referenciados sinalizam para a necessidade de uma busca profunda da união por parte dos profissionais fortalecendo os conselhos, e conseqüentemente os obrigando a trabalhar em prol do reconhecimento dos farmacêuticos e em busca de uma remuneração digna.

No Parecer 287/69 do Conselho Federal de Educação, o distanciamento das atividades da Farmácia é justificado pelo fato de que a indústria farmacêutica moderna é uma indústria de transformação, enquanto a Farmácia representa um estabelecimento predominantemente comercial, com um artesanato técnico em involução. Desta concepção resultou a estrutura curricular dividida em ciclo pré-profissional, primeiro ciclo profissional e segundo ciclo profissional, correspondendo respectivamente às modalidades: Farmacêutico, Farmacêutico-Industrial e Farmacêutico-Bioquímico (SPADA et al, s.d)

O currículo para o ensino desse profissional é revisto na década de 1980, por causa das mudanças do contexto socioeconômico de democratização e, nesse debate, sua capacitação deveria ser voltada para o mercado de trabalho, o que a sociedade também lhe impõe (SILVA; CRUZ, 2011). Constata-se então a perda de identidade no decorrer da formação desse profissional e ao mesmo tempo o desafio de repensar o seu papel dentro da sociedade e, com isso, se posicionar diante dos acontecimentos, informações, questionamentos de ordem profissional, pessoal e acadêmico, no sentido de resgatar o papel cuidador e educador.

Passarela (2008) nos relata que as resoluções colocados em pauta nos anos de 2001 a 2004 pelo CNE/CES (Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior) estabelecem as Diretrizes Curriculares para a graduação nessa área. As resoluções decretam que a formação do profissional farmacêutico seja generalista, humano, crítico e reflexivo. Capacitando-o com princípios éticos, no processo de saúde-doença, nas diversas formas de atenção com a promoção, recuperação, manutenção da saúde e prevenção de agravos, tendo a

responsabilidade social e compromisso com a comunidade, sendo promotor social integral do ser humano.

O farmacêutico é o profissional responsável por identificar e manipular substâncias químicas. Entretanto, seu campo de atuação abrange outras áreas além dos laboratórios e drogarias, ainda desconhecidas por muitos. O profissional farmacêutico pode atuar em mais de setenta áreas, regularizadas pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF). Tais como: Acupuntura, análises clínicas, administração de laboratório clínico, administração farmacêutica, banco de sangue, banco de sêmen, banco de órgãos, banco de cordão umbilical, biologia molecular; bioquímica clínica, bromatologia; controle de qualidade e tratamento de água, potabilidade e controle ambiental, controle de vetores e pragas urbanas, cosmetologia, farmácia hospitalar, farmácia antroposófica, farmácia homeopática, farmácia pública, farmácia oncológica, farmácia industrial, farmácia magistral, farmácia clínica, farmácia de dispensação, farmácia veterinária, fitoterapia, genética humana, gerenciamento de resíduos de saúde, hematologia clínica, hemoterapia, histoquímica, imunocitoquímica, imunohistoquímica, imunologia clínica, indústria de alimentos, meio ambiente, micologia clínica, nutrição parenteral, parasitologia clínica, saúde pública, toxicologia clínica, ambiental, de alimentos, desportiva, farmacêutica, forense, ocupacional e veterinária, vigilância sanitária e virologia clínica (²CFF, s.d.).

Em resumo, o farmacêutico poderá atuar em três áreas básicas: Fármacos e medicamentos, Análises clínicas e toxicológicas e Alimentos. Na primeira, trabalhará na indústria, desenvolvendo novos fármacos e no setor de controle de qualidade. Nos setores de análises e toxicologia será responsável pela execução de exames clínico-laboratoriais, auxiliando no diagnóstico de doenças. Já na área de alimentos estabelecerá o controle microbiológico, físico-químico e sensorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a história da humanidade pode-se perceber que muitos dedicaram as suas vidas para ajudar ao próximo, estudando os efeitos das plantas medicinais, que na época eram o único recurso. Tiveram muitos nomes: curandeiros, sacerdotes,

boticários, e enfim farmacêuticos. No Brasil colônia os jesuítas contribuíram muito para a expansão, prática e cultivo das plantas medicinais.

A profissão farmacêutica sem dúvida é cercada por histórias mitológicas, crenças, lendas e fatos relevantes, os quais faz-se necessário ter um conhecimento prévio para poder entender melhor os aspectos de nosso antepassados, aspirando um futuro próspero levando em consideração suas lutas e derrotas.

Neste sentido, a pesquisa bibliográfica aponta que o profissional farmacêutico, necessita de um reconhecimento merecido, primeiramente partindo do próprio profissional, que precisa analisar sua história para compreender melhor o contexto que ele esta inserido.

No entanto, este artigo de revisão bibliográfica não limita as várias fontes de informações, sugerindo mais estudos para aumentar o grau de conhecimentos disponíveis para profissionais de saúde e estudantes afins.

ORIGIN OF THE PHARMACEUTICAL PROFESSION

ABSTRACT

The origin of the pharmaceutical profession is a mixture of myth and science, folklore and proven fact. Old ideas to new concepts merge, producing a mixture erroneous. Therefore the aim of this paper is to clarify the origin of the pharmaceutical profession before history of popular knowledge of healing, understanding its origin, demonstrating to students and to society at large the importance of this profession. This study is characterized by a literature review of research with qualitative character. To this was accomplished through journal articles and academic books with scientific relevance. From the archaic period, note the use of plants to alleviate and even cure existing pathologies. Today, it is known that the beliefs adopted at that time part of the treatment, as a psychological factor. With the break up of medical-pharmaceutical schools, there is significant work to public awareness in relation to therapy. In present day, the pharmacist is losing its roots, which demoralizes his profession, making it necessary to deepen this knowledge. We conclude that the pharmacy profession is expanding, and that this professional must seek its origin to better understand and perform their duties.

Referências

ALLEN JR, Loyd V. POPOVICH, Nicolas G.; ANSEL, Howard C. **Formas farmacêuticas e sistemas de liberação de fármacos**. 8ª Edição. Editora: Artmed, 2007.

BAPTISTA, Carolina Mazzo Martinez, et al. Cefaleia no Antigo Egito. **Migrêneas cefaleias**, Ribeirão Preto, v.6, n.2, p.53-55, abr./mai./jun. 2003.

BITTENCOURT, Luis. Vozes que ecoam a profissão farmacêutica. **Pharmacia Brasileira**, nº 80 - Fevereiro/Março 2011.

COELHO, Viviany Nicolau de Paula Dias; ZANATTO, Cláudia Melo Galvão; MATIAS, Suelen Rodrigues da Silva. **O resgate da profissão farmacêutica: elo entre a saúde e o paciente**. Centro Universitário Euro-Americano – UNIEURO, Brasília, DF, 2005.

¹CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA 50 ANOS. – Brasília: 2010.

²CFF – Conselho Federal de Farmácia. Disponível em: <http://www.cff.org.br/pagina.php?id=87&titulo=%C3%81reas+de+atua%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 23 nov. 2012.

CRUZ, Patrícia Cardoso da; SILVA, Yara Fonseca de Oliveira e. Ensino Farmacêutico: trajetória, reflexões e perspectivas para a formação do farmacêutico. In: **Seminário sobre docência universitária**, Universidade Estadual de Goiás, março, 2011.

DIAS, José Pedro Sousa. **A farmácia e a História: uma introdução à história da farmácia, da farmacologia e da terapêutica**. Material de apoio às aulas da disciplina de História e Sociologia da Farmácia – Faculdade de Farmácia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.

DINIZ, Denise Scofano. **A “ciência das doenças” e a “arte de curar”: trajetórias da medicina hipocrática**. 09 de março. 161 p. Dissertação para mestrado – Universidade de Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

FONSECA, Ivone Azevedo da. **Ervas medicinais na história: antigo Egito - remédios e cosméticos**. Material de apoio da disciplina de ciências - Colégio Leonardo da Vinci. s.d.

GODOY, Vctor Vieira. A coleção do museu da escola de farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto. Coleções científicas luso-brasileiras: patrimônio a ser descoberto. Rio de Janeiro: MAST, 2010, p. 81 - 86.

LANA, Marta de. Memória Farmacêutica: por que preservar?. **Pharmacia Brasileira**, nº 85 - Março/Abril/Maio 2012.

LORANDI, Paulo Angelo. Análise histórica da formação acadêmica do farmacêutico: quatro décadas. **Revista Infarma**. Santos: SP, v. 18, n 7/8, 2006.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007.

LÓPEZ, Cesar. A. A. Considerações gerais sobre plantas medicinais. **Revista ambiente: gestão e desenvolvimento** – Revista da Universidade Estadual de Roraima – UERR, Roraima, v. 1, n. 1, p. 19 – 27, 2006.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira; SILVA, Paulo José Carvalho da; MUTARELLI, Sandra Regina Kuka. **A teoria dos temperamentos**: do corpus hippocraticum ao século XIX. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a14/martisilmuta01.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

MENEZES, Ricardo Fernandes de (organização). **Da História da Farmácia e Dos medicamentos**. s/ ano. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/ciencias/artigos/Im_historiafarmaciamed.pdf>. Acesso em: 4 abri. 2012.

OLIVEIRA, Edilberto Antonio Souza de. **Farmacologia geral**: histórico e evolução. Salvador: Universidade Católica de Salvador, 2008. Disciplina de farmacologia, 19 p. apostila n.1.

PASSARELA, Tereza Maria. **Tendência de Mudanças nos cursos da Área da Saúde**. In: Conferencia Nacional de Educação Farmacêutica, V, Brasília, 2008.

PESSOA JUNIOR, Osvaldo. **Teoria do conhecimento e filosofia da Ciência I**: um panorama histórico com olhar contemporâneo. Material de apoio da disciplina de filosofia – Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 2010.

REIS, Ivoni de Freitas. Um mapa da medicina antiga: entre a cura através dos contrários e a cura através dos semelhantes. **Revista História da Medicina** – Revista da Faculdade de Medicina Virtual da Universidade de Buenos Aires - UBA Buenos Aires, v. 1, n. 1, 2009.

SANTOS, Manoel Roberto da Cruz. Introdução. In . **Profissão Farmacêutica no Brasil: História, Ideologia e Ensino**. Ribeirão Preto - SP: Holos.1999. p.1.

SOUZA. Zildete Pereira de. Legislação Farmacêutica. Im GOMES, Maria José Vasconcelos de Magalhães; REIS, Max Moreira. Ciências farmacêuticas: Uma abordagem em Farmácia Hospitalar. São Paulo - SP: Atheneu. 2011. p.182.

SPADA, Celso; CHAGAS, Jair Ribeiro; SILVA, Kátia Flávia Fernandes; CASTILHO, Selma Rodrigues de. Farmácia: a trajetória dos cursos de graduação na saúde. **Ministério da Saúde**. Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/169a200_graduacao.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2012.

VELLOSO, Verônica Pimenta; MADUREIRA, Francisco José Chagas. Escola de Farmácia de Ouro Preto. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. Disponível em:<<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>>. Acesso em: 28 nov. 2012.

ZUBIOLI, Arnaldo. **Profissão: Farmacêutico, e agora?**. Curitiba: Lovise LTDA, 1992.